

UMA AVENTURA DE MYRON BOLITAR

MAIS DE 75 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO

HARLAN COBEN

VOLTA PARA CASA



VOLTA PARA CASA

Título original: *Home*

Copyright © 2016 por Harlan Coben
Copyright da tradução © 2018 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Marcelo Mendes

preparo de originais: Magda Tebet

revisão: Luis Américo Costa e Natalia Klussmann

diagramação: Abreu's System

capa: Elmo Rosa

impressão e acabamento: Bartira Gráfica

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C586v

Coben, Harlan, 1962-

Volta para casa / Harlan Coben ; [tradução Marcelo Mendes]. -

1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2021.

304 p. ; 23 cm. (Myron Bolitar ; 11)

Tradução de: Home

ISBN 978-65-5565-235-2

1. Ficção americana. I. Mendes, Marcelo. II. Título. III. Série.

21-72253

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*A Mike, George e ao amor
entre amigos de meia-idade*

capítulo 1

O GAROTO, DESAPARECIDO HÁ DEZ anos, ressurgiu.

Não sou um sujeito dado a histerias ou sobressaltos. Já vi muita coisa nesses meus 40 e tantos anos de vida. Quase fui morto mais de uma vez. E já matei. Já presenciei desgraças que muitos achariam indigestas, se não inimagináveis, e alguns me apontariam como responsável por outras tantas desgraças de igual quilate. Ao longo do tempo, aprendi a controlar as emoções em situações de risco ou perigo. Não só as emoções, mas, principalmente, as reações. Posso até atacar com rapidez e violência, mas nunca sem saber com exatidão o que estou fazendo.

Em mais de uma ocasião essas qualidades, por assim dizer, já salvaram a minha vida ou a de pessoas que me são caras.

Tudo bem. Confesso que, neste momento, vendo o garoto já adolescente, sinto o coração bater mais forte dentro do peito, a ponto de ecoar nos ouvidos. Num gesto inconsciente, cerro os punhos.

Dez anos, e agora não mais que uns 50 metros, me separam do garoto desaparecido.

Patrick Moore – é esse o nome dele – recosta-se num dos pilares pichados do viaduto. Com os ombros caídos, ele move os olhos à sua volta antes de pousá-los no chão trincado a seus pés. O cabelo é cortado bem rente, o que se costumava chamar de “à escovinha”. Outros dois adolescentes zanzam de um lado para outro sob o mesmo viaduto. Um deles traga um cigarro com tanta volúpia que parece estar descontando nele a sua raiva. O outro veste uma regata telada com uma coleira de couro e tachas no pescoço, deixando claro da forma mais óbvia possível sua atual ocupação.

Os carros vão zunindo acima deles, alheios ao que se passa embaixo. Estamos em King’s Cross, uma área quase inteiramente “revitalizada” ao longo dos últimos vinte anos, com a chegada de museus e bibliotecas, do Eurostar na estação ferroviária e até de uma placa indicando a Plataforma 9 $\frac{3}{4}$ onde Harry Potter embarcava no trem para Hogwarts. Boa parte dos clientes da prostituição de rua migrou para a prostituição on-line (bem mais seguro usar os serviços de um site do que ficar circulando de carro de madrugada, mais uma vantagem da internet), mas por trás dessa nova fachada de modernidade e riqueza ainda subsistem alguns antros de decadência e perdição.

E foi num deles que encontrei o garoto desaparecido.

Aquela parte mais afoita da minha personalidade recomenda que eu corra até ele para trazê-lo de volta. Se é realmente Patrick quem está ali, e não alguém muito parecido, ele está agora com 16 anos. De fato, olhando de longe, essa é a idade que o garoto parece ter. Dez anos antes, no bairro riquíssimo de Alpine, Nova Jersey, ele estava brincando na casa de Rhys, filho de uma prima minha. Os dois meninos sumiram.

E esse, claro, é o meu dilema.

Se eu pegar o Patrick neste instante, se atravessar a rua e simplesmente arrastá-lo comigo, o que será do Rhys? Diante de mim está um dos garotos desaparecidos, mas a minha missão é resgatar os dois. Portanto, não posso me precipitar. Preciso ser paciente. O que quer que tenha acontecido dez anos atrás, qualquer que tenha sido o golpe cruel da humanidade (não acredito em golpes cruéis do destino, já que os culpados geralmente somos nós mesmos, homens de carne e osso) que tirou esses meninos da opulência de uma mansão para colocá-los na imundície das ruas, meu receio é dar um passo em falso e fazer com que ele suma de novo, dessa vez para sempre.

Não. Vou ter que esperar pelo Rhys. Assim que ele aparecer, pego os dois e os levo de volta para casa.

Dois perguntas passam pela minha cabeça.

A primeira: como posso ter certeza de que, localizando os dois garotos, vou conseguir levá-los comigo? Nada impede que eles tenham sido submetidos a, sei lá, algum tipo de lavagem cerebral e não queiram me acompanhar. Nada impede que seus sequestradores (ou quem quer que detenha a chave da liberdade de ambos) sejam pessoas persuasivas e violentas.

A isso eu respondo: seja o que Deus quiser.

A segunda pergunta, bem mais relevante que a primeira, é: e se o Rhys não aparecer?

Não faço o tipo “Depois eu penso nessa questão”, portanto, tenho em mente um plano de contingência que é não perder o Patrick de vista, seguindo-o discretamente aonde quer que ele vá e procurando antever todos os problemas que possam aparecer no meu caminho.

Os clientes começam a surgir.

Tudo na vida é passível de classificação. Viadutos imundos também. No primeiro vão, a clientela é de homens heterossexuais em busca de companhia feminina. Esse é o mais movimentado de todos. Você pode falar o que quiser sobre a igualdade dos gêneros nas suas preferências e taras sexuais,

mas a grande maioria dos sexualmente frustrados ainda é composta de heterossexuais masculinos com a libido em atraso. Caretice minha? Acho que não. Moças de olhos vidrados assumem seus postos contra os pilares de concreto. Quando uma vai embora no carro do cliente, outra logo aparece no mesmo lugar, mais ou menos como as latinhas de refrigerante numa máquina de posto de gasolina.

No segundo vão ficam os travestis, uns mais montados que os outros, e no terceiro, onde está o Patrick, ficam os garotos de programa que atendem a clientela gay.

Fico observando enquanto um homem de camisa cor de melão se aproxima do Patrick.

A esta altura eu já tinha me perguntado o que fazer quando alguém aparecesse e abordasse o garoto. Num primeiro momento achei que o mais lógico seria intervir imediatamente. Isso seria o mais humano da minha parte. Faz dez anos que Patrick e Rhys foram levados, e só Deus sabe o que eles passaram desde então.

No entanto, por maior que seja a vontade de poupá-los de mais um instante de sofrimento, não posso perder de vista o meu objetivo final: resgatar os *dois* garotos. Já analisei todos os prós e contras. Minha decisão está tomada. Não adianta ficar remoendo a questão.

Mas, ao que parece, o Camisa-melão não é um cliente.

Clientes não caminham com tanta segurança e desenvoltura. Clientes não andam de cabeça erguida. Não usam camisas espalhafatosas. Não sorriem. Geralmente sentem vergonha do que estão fazendo. Ou medo. Ou as duas coisas ao mesmo tempo.

O Melão, por sua vez, tem a ginga e a expressão facial de alguém bastante confortável na própria pele, de alguém perigoso. Não é muito difícil perceber esse tipo de coisa. Um instinto de sobrevivência semelhante ao dos animais nos alerta para esse tipo de perigo. Apenas por descuido, ou por medo de passar vergonha, é que não damos atenção a esses avisos. Coisas do homem moderno.

O Melão olha rapidamente para trás. Está acompanhado de dois guarda-costas, duas montanhas de músculos trajando calça camuflada e regata muito justa, tipo Sylvester Stallone. Os outros dois adolescentes (o fumante e o de coleira de tachas) fogem na mesma hora, deixando Patrick sozinho com os três recém-chegados.

Isso não é bom.

Patrick ainda está com os olhos voltados para o chão, com a luz escassa da rua se refletindo na cabeça quase raspada. Só percebe a presença do Melão quando este já está a um passo de distância. Vou caminhando lentamente na direção deles. O mais provável é que Patrick já trabalhe na rua há algum tempo. Penso, por um instante, em como deve ter sido a vida dele até agora, arrancado daquela bolha tão confortável e segura dos subúrbios endinheirados para ser jogado num... só Deus sabe o quê.

Mas também é possível que durante esse tempo ele tenha desenvolvido certas habilidades. Talvez seja capaz de levar os caras na conversa. Talvez a situação não seja tão crítica quanto parece. Preciso esperar para ver.

Quase roçando o nariz no rosto de Patrick, o Melão diz algo que não consigo ouvir. Em seguida, sem nenhum aviso, desfere um murro violento no estômago do garoto.

Patrick vai ao chão, sem ar nos pulmões.

As duas montanhas camufladas se aproximam e eu aperto o passo, dizendo:

– Senhores.

O Melão e seus capangas viram-se assustados, três neandertais ouvindo pela primeira vez uma palavra devidamente articulada, estreitando os olhos para discernir melhor o que veem diante de si. Então abrem um sorriso. Não sou exatamente uma figura intimidante: alto o suficiente, porém mais para magro; cabelos mais grisalhos que louros; um tom de pele que vai do branco-porcelana no verão ao róseo no inverno; feições delicadas, mas de um jeito bonito, assim imagino. Hoje estou usando um terno azul-claro cortado sob medida na Savile Row, uma gravata Lilly Pulitzer, lenço Hermès no bolso do paletó e sapatos Bedfordshire também feitos sob medida pelos melhores artesãos da G. J. Cleverley, da Old Bond Street.

Sou mesmo um dândi, não sou?

Lamentando não ter um guarda-chuva para rodopiar na mão e completar o efeito, sigo adiante e fico feliz ao ver a confiança crescendo no olhar dos três sujeitos sob o viaduto. Em geral tenho uma arma comigo, às vezes duas, mas na Inglaterra a lei é muito mais rígida nesse quesito. O que não chega a me preocupar. É bem provável que pelo mesmo motivo os três não estejam portando armas também. Rapidamente corro os olhos pelo grupo em busca de algo escondido. Difícil esconder uma arma sob camisas e calças tão justas. Talvez os dois capangas tenham facas em algum lugar, mas não armas de fogo.

Facas também não me preocupam.

Patrick (caso seja ele mesmo) ainda está caído e ofegante quando alcanço o viaduto. Paro diante do grupo, estendo os braços e ofereço a eles o mais sedutor do meu repertório de sorrisos. Eles arregalam os olhos como se estivessem diante de um quadro expressionista de um museu qualquer. O Melão dá um passo adiante e diz:

– Está fazendo o que aqui?

– Acho melhor vocês irem embora – retruco, ainda sorrindo.

O Melão olha para o Camuflado Um à minha direita, depois para o Camuflado Dois à esquerda. Faço o mesmo, depois volto a encarar o Melão e pisco para ele. As sobrancelhas do homem vão às alturas.

– Esse aí não tem noção do perigo – diz o Camuflado Um. – Está pedindo para ser retalhado. Em pedacinhos.

– Opa, nem vi você aí – falo, me fingindo de assustado.

– *Hein?*

– Essas calças camufladas... elas realmente funcionam. E caem muito bem em você, diga-se de passagem.

– Está zoando com a minha cara?

– Longe de mim.

Todos os sorrisos se alargam, inclusive o meu.

Os dois capangas se aproximam. Eu até poderia tentar resolver a situação na base da conversa, oferecer dinheiro para que eles nos deixassem em paz, a mim e ao garoto, mas acho que não iria funcionar. Por três motivos. Primeiro: os trogloditas vão querer me depenar; se bobear, vão levar até meu relógio. Segundo: é bem provável que gostem do cheiro de sangue muito mais que do cheiro de dinheiro; quanto mais fácil o sangue, melhor. Terceiro e mais importante de tudo: eu também gosto do cheiro de sangue.

E já ando com saudades dele.

Faço um esforço para não sorrir quando eles fecham o cerco. O Melão saca uma faca Bowie, dessas de caça, o que me deixa feliz. Não tenho muitos escrúpulos antes de machucar quem acho que merece ser machucado. Mas, em deferência àqueles que precisam de bons motivos para me achar um “cara legal”, posso alegar que foram meus algozes que me ameaçaram primeiro, portanto, estou agindo em legítima defesa.

De qualquer modo, dou a eles uma última chance. Fitando o Melão diretamente nos olhos, repito:

– Acho melhor vocês irem embora.

Os dois Camuflados riem, mas não o Melão. Ele me encara de volta, sabe que não há motivo para rir.

O resto acontece numa questão de segundos.

O Camuflado Um dá um passo adiante, invadindo meu espaço pessoal. É um armário de tão grande. Meu campo de visão agora se resume a um peitoral enorme e depilado. Olhando do alto para mim, o sujeito abre um sorriso como se tivesse à sua frente uma barrinha de cereal que pudesse comer de uma só mordida.

Não vejo motivo para postergar o inevitável: abro um talho na garganta dele com a navalha que trazia escondida entre os dedos.

O jato de sangue faz um arco perfeito antes de me atingir. Droga. Agora serei obrigado a fazer mais uma visita à Savile Row.

– Terence!

É o Camuflado Dois quem grita. Observando-o melhor, percebo certa semelhança física entre ambos. Decerto são irmãos. O sujeito se torna uma presa ainda mais fácil em razão do susto, mas não creio que pudesse fazer muita coisa mesmo que estivesse preparado.

Porque sou bom com navalhas.

O Camuflado Dois acaba do mesmo jeito que Terence, seu possível irmão.

Sobra então o Melão, o venerável líder da gangue. Provavelmente conquistou essa liderança por ser mais brutal e mais ardiloso que os dois companheiros caídos no chão. Como eu imaginara, já havia erguido seu facão durante o ataque aos Camuflados. Com a visão periférica, vejo o brilho da lâmina que agora vem descendo na minha direção.

Um erro da parte dele.

Uma facada nunca deve vir de cima. Fácil demais de defender: podemos nos desviar dela ou repeli-la com o cotovelo. Nas linhas de tiro, os professores nos ensinam a mirar na massa central do alvo antes de dispararmos uma arma de fogo, de modo que, se nossa mira não for muito boa, ainda assim tenhamos uma grande chance de acertar algo. Antevemos a possibilidade de um erro. Com as facas é a mesma coisa: diminuímos tanto quanto possível a distância do alvo, depois miramos no centro e acertamos o que pudermos caso o adversário se desloque.

Não foi isso que o Melão fez.

Desvio a cabeça e, como explicado antes, uso o cotovelo direito para repelir o golpe. Em seguida, com os joelhos flexionados, giro e rasgo o abdômen

do sujeito com a minha navalha. Não espero para ver a reação dele. Ergo o tronco e termino o serviço do mesmo modo que fiz com os Camuflados.

Como eu disse, uma questão de segundos.

Agora, o chão trincado é uma piscina de sangue. Uma piscina cada vez maior. Permito-me um segundo, não mais que isso, para saborear a adrenalina. Aposto que você faria o mesmo no meu lugar. Se for honesto o bastante para admitir.

Quando me volto para falar com Patrick, constato que ele fugiu. Olho para a direita, depois para a esquerda. Lá vai o garoto, quase sumindo de vista. Parto ao encalço dele, mas logo vejo que será inútil. Ele entra na estação de King's Cross, uma das mais movimentadas de Londres. Logo estará encoberto pela multidão de passageiros. Além disso, estou imundo de sangue. Sou um homem de muitos recursos, mas, ao contrário de Harry Potter, que se mandava para Hogwarts usando aquela mesma estação, não possuo uma capa de invisibilidade.

Então paro onde estou, reflito sobre a situação e chego à seguinte conclusão: meti os pés pelas mãos.

Agora é minha vez de sumir. Não porque receie que alguma câmera de segurança tenha filmado o que fiz. Não há câmeras de segurança em pontos de prostituição, nem mesmo nesta nossa era digital.

Mas isso não muda nada. Meti os pés pelas mãos. Depois de tantos anos, após tantas investigações infrutíferas, uma pista finalmente desponta no horizonte e eu a deixo escapar.

Preciso de ajuda.

Saio correndo dali e logo digito o número 1 da minha lista de discagem direta. Faz quase um ano que não ligo para esse número.

Ele atende no terceiro toque.

– Alô?

Sinto uma ligeira emoção ao ouvir essa voz, mesmo sabendo de antemão que seria atendido por ela. O número é bloqueado, portanto ele não faz a menor ideia de quem está ligando.

– Você não quis dizer... “Articule”?

– Win? É *você*? Caramba, onde foi que você se...?

– Vi o garoto – digo imediatamente.

– Que garoto?

– Quem você acha?

– Espere aí... Você viu os dois?

– Não. Só o Patrick.

– Uau.

Uau? É só isso que o cara tem para dizer?

– Myron, preciso da sua ajuda. Venha imediatamente para Londres.

capítulo 2

DOIS MINUTOS ANTES DA chamada, Myron Bolitar se achava na cama ao lado da sua belíssima noiva, ambos nus, ambos olhando para o teto, recuperando o fôlego após o êxtase que vem apenas do... bem, êxtase.

– Caramba... – balbuciou Terese.

– Pois é.

– Hoje foi...

– Não foi?

Isso era o máximo que ele conseguia dizer nos seus momentos pós-coito.

Terese saiu da cama e foi à janela do quarto. Myron gostava de vê-la assim, caminhando nua com a sinuosidade e a segurança de uma pantera. O apartamento dava para o lado oeste do Central Park. Se você já viu algum filme rodado em Nova York em que um casal atravessa de mãos dadas uma ponte sobre o lago do Central Park, então você conhece a Bow Bridge, a ponte que Terese agora admirava de sua janela.

– Meu Deus, que vista é essa...

– Eu estava aqui pensando a mesma coisa – devolveu Myron.

– Por acaso está olhando para a minha bunda?

– Olhando não. Vigiando. Tomando conta.

– Para me proteger, certo?

– Não seria profissional da minha parte olhar para outro lado.

– Parabéns, então. Pelo profissionalismo.

– Obrigado.

Sem deixar a janela, Terese disse:

– Myron...

– Oi, meu amor.

– Estou muito feliz.

– Eu também.

– A felicidade me deixa com um pouco de medo, sabe?

– Eu sei – falou Myron. – Agora volte para a cama.

– Tem certeza?

– Tenho.

– Não prometa aquilo que não vai conseguir cumprir, hein?

– Não se preocupe, vou cumprir. – Após um tempo, Myron perguntou: – Será que algum lugar aqui perto entrega ostras e vitamina E em casa?

Terese virou-se para ele com seu sorriso luminoso, e *bum!*, lá se foi o coração de Myron, explodindo em mil pedaços. Terese Collins estava de volta. Depois de tantos anos de separação, angústia e instabilidade, eles finalmente iam se casar. Uma sensação incrível. Maravilhosa. Mas ao mesmo tempo frágil.

E foi aí que o telefone tocou.

Ambos sentiram um frio na boca do estômago, como se já tivessem o que viria. Quando as coisas iam bem demais, eles ficavam com as antenas ligadas, receando algum revés. Preferiam não mexer uma palha sequer por medo de estourar aquela bolha de felicidade.

E aquele telefonema poderia ser justamente isto: uma palha furadora de bolhas.

Myron conferiu o identificador de chamadas. Número bloqueado.

Eles estavam num apartamento no edifício Dakota, em Manhattan. Antes de sumir do mapa, um ano antes, Win havia passado o imóvel para o nome de Myron. Durante boa parte daquele ano, Myron preferia continuar na sua casa de infância nas imediações de Livingston, Nova Jersey, procurando dar a melhor educação possível para Mickey, seu sobrinho adolescente. Mas com a volta do irmão, pai do garoto, ele havia deixado a casa para os dois e se mudara para Manhattan.

O telefone tocou uma segunda vez; Terese virou o rosto como se tivesse levado um tapa, deixando à mostra aquele lado do pescoço em que ficava a cicatriz do seu ferimento à bala. Vendo isso, Myron novamente sentiu no peito aquela vontade premente de protegê-la. Por um segundo cogitou deixar a ligação cair na caixa postal, mas Terese, sem abrir os olhos, sinalizou para que ele atendesse. Melhor não adiar o inevitável.

Myron atendeu no terceiro toque.

– Alô?

Apesar da estática, ele logo reconheceu aquela voz que não escutava havia muito tempo.

– Você não quis dizer... “Article”?

Myron sentiu um calafrio.

– Win? É *you*? Caramba, onde foi que você se...?

– Vi o garoto.

– Que garoto?

– Quem você acha?

Myron já havia deduzido, mas não ousou dizer em voz alta.

– Espere aí... Você viu os dois?

– Não. Só o Patrick.

– Uau.

– Myron, preciso da sua ajuda. Venha imediatamente para Londres.

Ao se virar, Myron viu retornar ao olhar da noiva aquela mesma sombra que estivera ali desde sempre, ou pelo menos desde que eles haviam fugido juntos anos atrás. Ele estendeu a mão e ela a tomou entre as suas.

– Minha vida está meio complicada neste momento – respondeu ele ao telefone.

– A Terese voltou – disse Win.

Não era uma pergunta. Ele sabia.

– Sim.

– E vocês finalmente vão se casar. – De novo, uma afirmativa.

– Vamos.

– Já comprou o anel de noivado?

– Já.

– Com o Norman da 47th Street?

– Claro.

– Mais de dois quilates?

– Win...

– Fico feliz por vocês dois.

– Valeu.

– Mas você não pode se casar sem a presença do padrinho – argumentou Win.

– Já convidei meu irmão.

– Ele não vai se importar de ceder o lugar. Seu voo sai de Teterboro. O carro já está à sua espera – informou Win, e desligou.

Terese olhou para Myron.

– Você precisa ir – disse.

Myron ficou sem saber se ela estava perguntando ou afirmando.

– Win não faz esse tipo de pedido à toa – declarou ele.

– Não, não faz – concordou Terese.

– Não devo demorar. Volto logo, e a gente se casa. Prometo.

Sentando-se na cama, Teresa falou:

– Pode me dizer do que se trata?

- Até onde você está disposta a ouvir?
- Sei lá. – Após um instante, ela perguntou: – O anel tem mais de dois quilates?
- Tem.
- Ótimo. Então, desembuche.
- Lembra daquele sequestro em Alpine, dez anos atrás?
- Claro que lembro. Noticiamos no jornal.
- Ela havia trabalhado por dois anos como âncora num desses canais exclusivos de jornalismo.
- Um dos meninos sequestrados, Rhys Baldwin, é parente do Win.
- Você nunca me disse isso.
- Na verdade, eu não tinha muito a ver com a história – explicou Myron.
- Quando a gente se envolveu, o caso já estava mais ou menos velho. Eu já tinha até esquecido dele.
- Mas o Win, não.
- Win nunca esquece de nada. Muito menos de um parente sequestrado.
- E agora encontrou uma pista nova; é isso?
- Mais que isso. Viu Patrick Moore, o outro menino.
- Então por que não chama a polícia?
- Não sei.
- Não sabe nem quis perguntar.
- Confio no julgamento dele.
- E ele precisa da sua ajuda.
- Precisa.
- Então é melhor você arrumar sua mala – disse Terese após alguns instantes.
- Você está bem?
- Ele tem razão.
- Sobre?
- Ela se levantou.
- Não podemos nos casar sem o seu padrinho.

Uma limusine preta, enviada por Win, aguardava por Myron diante do Dakota para levá-lo até o aeroporto de Teterboro, na zona norte de Nova Jersey, uma viagem de aproximadamente meia hora. Lá, Myron foi deixado à porta do avião do amigo, um jatinho executivo da Boeing, já pronto para decolar. Nada de passagens, filas de check-in ou esquemas de segurança.

A comissária, uma asiática jovem e adorável, recebeu-o no seu justíssimo uniforme vintage, que incluía até um chapeuzinho.

– Bem-vindo a bordo, Sr. Bolitar.

– Olá, Mee. Que bom ver você de novo.

Para os que ainda não perceberam: Win era um homem rico, muito rico.

Seu nome verdadeiro era Windsor Horne Lockwood III. Ele mesmo: o dono da Lock-Horne Investments and Securities e do prédio Lock-Horne, na Park Avenue. Dinheiro de família. Herdeiro de uma longa linhagem de milionários encabeçada, sem dúvida, por alguém que desembarcara do *Mayflower* já com sua camisa polo cor-de-rosa e uma reserva VIP no campo de golfe mais próximo.

Myron precisou curvar o corpanzil de quase 2 metros para atravessar a porta do jatinho, que contava com bancos de couro, acabamentos em madeira clara, carpete verde, papel de parede com estampa de zebra, televisão de muitas polegadas, um sofá-cama e uma cama de casal no compartimento dos fundos. Ao comprar a aeronave das mãos de um rapper, Win decidira mantê-la do jeitinho que estava, dizendo que se sentia mais sexy toda vez que olhava para o papel zebrado.

Inicialmente Myron se sentiu um tanto desconfortável por estar sozinho no avião, mas logo ficou à vontade. Acomodou-se num dos bancos e afivelou o cinto. Mee demonstrou os procedimentos de segurança assim que a aeronave começou a taxiar. Myron achava aquele chapeuzinho engraçado, mas sabia que Win gostava dele.

Dali a dois minutos, já estavam no ar. Mee se aproximou dele.

– Posso lhe servir alguma coisa?

– Você tem visto o Win? – perguntou Myron. – Por onde ele andou esse tempo todo?

– Não tenho permissão para dizer – respondeu ela.

– Por que não?

– Win pediu que eu lhe desse toda a atenção. Providenciei sua bebida predileta – informou Mee, indo buscar uma caixa de achocolatado Yoo-hoo.

– Já me curei desse vício – disse Myron.

– É mesmo?

– Sim.

– Que pena. Que tal um conhaque?

– Por enquanto, não, obrigado. Mas... o que exatamente você tem permissão de me dizer, Mee?

Mee. Myron sempre se perguntara se aquele era mesmo o nome da moça. Win gostava dele, volta e meia a provocava com algum trocadilho infame, do tipo “Quem *Mee* conhece não esquece jamais” ou “Ainda não é hora de *Mee* recolher”. Por vezes até citava Shakespeare: “Quem *Mee* escolher, ganha o que muitos querem.”

Win.

– O que você tem permissão para me dizer? – insistiu Myron.

– Posso dizer, por exemplo, que a previsão do tempo para Londres é de chuva intermitente.

– Grande novidade. Mas... e o Win? O que pode me dizer a respeito dele?

– Boa pergunta. – Ela apontou para si mesma antes de emendar: – O que *you* pode *Mee* dizer sobre o Win?

– Por favor, nem comece – riu Myron.

Ela riu também, depois disse:

– Temos um link direto para o jogo do Knicks, caso você queira assistir.

– Não me interessa mais por basquete.

Mee fitou-o com tanta comiseração que, por um instante, a vontade dele foi sumir dali.

– Vi seu documentário na ESPN – disse ela.

– Não é por isso – explicou Myron.

Mee assentiu, mas sem grande convicção.

– Bem, se o jogo não lhe interessa, temos um outro vídeo para você ver – informou.

– Que tipo de vídeo?

– Algo a que Win pediu que você assistisse.

– Não é um daqueles...

Seu amigo tinha o hábito de filmar seus, digamos, “encontros carnais” para depois assistir a eles enquanto meditava.

– Não – disse Mee. – Esses são apenas para uso pessoal dele. O senhor sabe disso, Sr. Bolitar. Faz parte do termo de confidencialidade que temos que assinar.

– Termo de confidencialidade? – repetiu Myron, sem entender. – Deixe para lá. Não quero nem saber do que se trata.

– Aqui está o controle remoto. Tem certeza de que não quer beber nada?

– Tenho, obrigado.

Myron virou sua poltrona para a televisão e ligou o tal vídeo, já esperando encontrar uma mensagem de Win, algo do tipo *Missão impossível*.

Mas não. Tratava-se de um programa de televisão bem antigo, daqueles que falavam de crimes reais e geralmente eram exibidos nos canais a cabo. O tema, claro, eram os dois meninos sequestrados dez anos antes.

Myron relaxou e assistiu ao vídeo do início ao fim. Ótimo para refrescar a memória.

A história, em resumo, era a seguinte: Patrick Moore, à época com 6 anos, foi deixado pela mãe na casa de Rhys Baldwin, seu amiguinho de escola, para brincar com ele. A casa, na realidade, era uma mansão em Alpine, um dos subúrbios mais abastados – ou “afluentes”, como adjetivavam todos os jornais – de Nova Jersey. Quão “afluentes”? Bem, uma residência em Alpine agora não sairia por menos de 4 milhões de dólares.

Os dois meninos ficaram sob os cuidados da babá (*au pair*) finlandesa Vada Linna, de 18 anos, que viera fazer intercâmbio. Quando Nancy Moore, mãe de Patrick, voltou para buscar o filho, ninguém atendeu à porta. De início ela não ficou preocupada. Achou que a jovem Vada pudesse ter levado os meninos para tomar um sorvete nas proximidades ou algo assim. Então voltou duas horas mais tarde e tocou a campainha novamente. De novo, ninguém atendeu. Mais preocupada que antes, porém não apavorada, ligou para Brooke, mãe do pequeno Rhys. Mas foi atendida pela secretária eletrônica.

Brooke Lockwood Baldwin, prima-irmã de Win, voltou correndo para casa assim que recebeu o recado. Entrou com Nancy e ambas chamaram pelos seus filhos, que não responderam. De repente ouviram um barulho vindo do porão da casa, que na realidade era um amplo quarto de brinquedos, quase um playground.

Lá elas encontraram a finlandesa amordaçada e amarrada a uma cadeira. Ela havia chutado uma luminária para chamar a atenção para o porão. Estava muito assustada, mas aparentemente incólume.

Quanto aos garotos, nenhum sinal deles.

Segundo Vada, ela preparava um lanche para os meninos quando dois homens armados irromperam na cozinha com blusa de gola alta e gorro de esqui na cabeça. Eles a arrastaram para o porão e a amarraram.

Nancy e Brooke logo chamaram a polícia e avisaram aos pais das crianças (Hunter Moore, médico, e Chick Baldwin, gerente de investimentos), que acorreram ao local imediatamente. Por muitas horas eles ficaram no escuro: nenhuma pista, nenhum contato. Até que Chick Baldwin recebeu no seu e-mail de trabalho uma mensagem com um pedido de resgate e a

advertência de que não chamassem a polícia se quisessem ver os meninos vivos outra vez.

Tarde demais.

Os sequestradores pediam 2 milhões de dólares (“1 milhão por criança”) e diziam que mais tarde enviariam novas instruções. Os pais providenciaram o dinheiro e ficaram aguardando. Foram mais três dias de absoluta agonia. Até que Chick Baldwin recebeu outra mensagem de e-mail, dizendo que ele fosse sozinho ao Overpeck Park e deixasse o dinheiro num local específico junto ao lago.

Chick Baldwin fez exatamente o que eles pediram.

É claro que havia todo um esquema de vigilância implantado pelo FBI no parque, com sentinelas em todas as vias de acesso. Também haviam colocado um rastreador GPS na sacola, muito embora a tecnologia da época fosse bem mais rudimentar que a atual.

Até então, as autoridades tinham conseguido manter o sequestro em sigilo. A mídia ainda não sabia da história. A pedido do FBI, nenhum amigo ou parente, nem mesmo Win, havia sido informado. Nem mesmo os irmãos dos garotos sequestrados.

Chick Baldwin deixou o dinheiro no local marcado e foi embora. Passou-se uma hora. Depois duas. Na terceira, alguém recolheu a sacola, mas no fim das contas tratava-se apenas de um bom samaritano que fazia seu jogging no parque e já ia levando a sacola fechada para o balcão de achados e perdidos.

Ninguém apareceu para recolher o dinheiro do resgate.

Reunidos em torno do computador de Chick Baldwin, os dois casais ficaram esperando por mais um e-mail. Nesse meio-tempo, o FBI realizou algumas investigações. Em primeiro lugar, virou pelo avesso a vida da finlandesa Vada Linna, mas não encontrou nada. Ela chegara ao país fazia só três meses, mal falava inglês e tinha apenas uma amiga. Vasculharam todos os seus e-mails, suas mensagens de texto, seu histórico de navegação on-line. Nada.

Os dois casais também foram investigados. Chick Baldwin, pai de Rhys, era o único que levantava suspeitas. As mensagens dos sequestradores tinham sido enviadas diretamente para ele. Mas não era só isso; o homem, definitivamente, não era um santo. Havia dois casos de *insider trading* (informações privilegiadas na compra ou venda de ações) e outras tantas acusações de desfalque ainda sendo julgadas. Alguns diziam que ele co-

mandava um esquema pirâmide. Certos clientes – gente muito poderosa – estavam bastante descontentes.

Mas a ponto de se vingarem com um sequestro? Dificilmente.

Então eles continuaram esperando por algum sinal dos sequestradores. Dois, três, quatro dias se passaram e nada.

Uma semana, um mês, um ano.

Dez anos.

Até agora.

Myron olhava inerte para os créditos que rolavam no final do vídeo.

– Imagino que agora você aceite aquele conhaque – disse Mee, aproximando-se dele.

– Imediatamente – pediu Myron. Quando ela voltou com a bebida, ele falou: – Sente aí, Mee. Vamos conversar.

– Melhor não.

– Quando foi a última vez que você viu Win?

– Sou paga para ser discreta.

Myron precisou se conter para não fazer uma piadinha.

– Ouvi uns rumores por aí – declarou. – Sobre Win. Fiquei preocupado.

– Não confia nele?

– Cegamente.

– Então respeite sua privacidade.

– Não tenho feito outra coisa nesse último ano.

– Então... o que custa esperar só mais algumas horas?

– É. Tem razão.

– Sente a falta dele, não é?

– Claro.

– Ele gosta muito de você, sabia?

Myron não disse nada.

– Que tal dormir um pouquinho? – sugeriu a comissária.

Mais uma vez ela estava certa.

Myron fechou os olhos, mas sabia que o sono custaria a chegar. Recentemente fora persuadido por um amigo a experimentar a meditação transcendental, e, por maior que fosse o seu ceticismo, achava que a simplicidade da ideia vinha a calhar naqueles momentos em que lutava contra o sono. Então, abriu seu aplicativo de meditação (sim, ele tinha isso no celular) e ajustou o timer para vinte minutos. Fechou os olhos de novo e se deixou levar.

As pessoas acham que meditar é esvaziar a cabeça de pensamentos. Bobagem. Não é possível fazer isso. Quanto mais você tenta *não* pensar numa coisa, mais pensa nela. O truque é deixar os pensamentos fluírem de forma natural e observá-los de longe, sem julgá-los ou reagir a eles. E era isso que Myron estava fazendo naquele instante.

Ele pensou em Win, o amigo que voltaria a ver dali a pouco; pensou em Esperanza e Cyndi; pensou nos pais lá na Flórida. Pensou no seu irmão Brad, no sobrinho Mickey e nas mudanças ocorridas na vida de ambos. Pensou em Terese, que finalmente tinha voltado para seus braços e muito em breve seria sua mulher. Pensou na vida que teriam juntos. Pensou na possibilidade bastante concreta de vir a ser um homem feliz.

Uma possibilidade concreta, mas ao mesmo tempo tão frágil...

Por fim o jatinho pousou e taxiou. Mee abriu a porta e, com um sorriso largo, disse:

- Boa sorte, Myron.
- Para você também, Mee.
- Diga a Win que mandei um abraço.

CONHEÇA OUTROS LIVROS DO AUTOR

O medo mais profundo

Na época da faculdade, Myron Bolitar teve seu primeiro relacionamento sério, que terminou de forma dolorosa quando a namorada o trocou por seu maior adversário no basquete. Por isso, a última pessoa no mundo que Myron deseja rever é Emily Downing.

Assim, ele tem uma grande surpresa quando, anos depois, ela aparece suplicando ajuda. Seu filho de 13 anos, Jeremy, está morrendo e precisa de um transplante de medula óssea – de um doador que sumiu sem deixar vestígios. E a revelação seguinte é ainda mais impactante: Myron é o pai do garoto.

Aturdido com a notícia, Myron dá início a uma busca pelo doador. Encontrá-lo, contudo, significa desvendar um mistério sombrio que envolve uma família inescrupulosa, uma série de sequestros e um jornalista em desgraça.

Nesse jogo de verdades dolorosas, Myron terá que descobrir uma forma de não perder o filho com quem sequer teve a chance de conviver.

A grande ilusão

Maya Stern é uma ex-piloto de operações especiais que voltou recentemente da guerra. Um dia, ela vê uma imagem impensável capturada pela câmera escondida em sua casa: a filha de 2 anos brincando com Joe, seu falecido marido, brutalmente assassinado duas semanas antes.

Tentando manter a sanidade, Maya começa a investigar, mas todas as descobertas só levantam mais dúvidas.

Conforme os dias passam, ela percebe que não sabe mais em quem confiar, até que se vê diante da mais importante pergunta: é possível acreditar em tudo o que vemos com os próprios olhos, mesmo quando é algo que desejamos desesperadamente?

Para encontrar a resposta, Maya precisará lidar com os segredos profundos e as mentiras de seu passado antes de encarar a inacreditável verdade sobre seu marido – e sobre si mesma.

CONHEÇA OS LIVROS DE HARLAN COBEN

Não há segunda chance
Até o fim
A grande ilusão
Não fale com estranhos
Que falta você me faz
O inocente
Fique comigo
Desaparecido para sempre
Cilada
Confie em mim
Seis anos depois
Não conte a ninguém
Apenas um olhar
Custe o que custar
O menino do bosque
Win

COLEÇÃO MYRON BOLITAR

Quebra de confiança
Jogada mortal
Sem deixar rastros
O preço da vitória
Um passo em falso
Detalhe final
O medo mais profundo
A promessa
Quando ela se foi
Alta tensão
Volta para casa

editoraarqueiro.com.br

